



## 2 PRELÚDIO

### 3 CONVERSA AFINADA

**Ministro de música,  
um conselheiro**  
Cíntia Ândria

### 7 A prática educativa e as relações interativas

Lúcia Cerqueira

### 11 ARTIGO

**Performance coral remota  
com adolescentes**

Valdiene Pereira, Daniel Sales e  
Leila Xavier

### 17 HINO DO MÊS

**Abril – Bem junto à cruz de  
Cristo**  
HCC 134

**Maior – Dia a dia**  
HCC 182

**Junho – Abençoa, Deus de amor**  
HCC 598

### 20 REPERTÓRIO

**Deus cuida de mim**  
Cláudia Onofre

**Deus criador  
Deus me fez  
Minha mãe maravilhosa**  
Fabi Cruz

**Vem louvar**  
Mônica Coropos

**Desejo te adorar**  
Moraes/Manuel  
Arr. Theógenes E. Figueiredo

### 27 NOTAS E NOTÍCIAS

### 28 ARTIGO

**Dicas para tocar em grupo**  
Léo Gomes

### 31 BIBLIOTECA DO MÚSICO

Jônathas Lopes

### 32 ORDEM DE CULTO

**Não tenha medo**  
Westh Ney

#### DELCI BERNARDES GONÇALVES (Muqui, ES, 1932)

Pianista, professora e compositora. Filha de pastor, tornou-se sua companheira tocando o harmônio em cada igreja e local que ele pregava. Excelente pianista, auxiliou muitos regentes trabalhando com muitos coros. Foi professora durante 47 anos no IBER – Instituto Batista de Educação Religiosa, hoje CIEM. Seus ensinamentos iam além das aulas de piano ou outra disciplina. Formada pela Escola Nacional de Música da UFRJ em piano. Foi ministra de música da primeira Igreja Batista de Piedade (1983). É regente do Coro da Igreja Batista Itacuruçá desde 1999. Também rege o Coral Excelsior da Sociedade Excelsior de Arte e Cultura em dois momentos, desde 1957 como pianista e regente. O número de pessoas alcançadas por sua vida não se pode medir. Quantas igrejas abençoou e quantas pessoas ensinou e educou! Na foto com Almir Gonçalves, escritor, diácono, esposo e apoiador, líder batista e um grande incentivador da música na igreja.



O ministro de música, um conselheiro. Ele pode ser um educador, um músico profissional ou um gestor, mas não pode esquecer que pessoas precisam ser cuidadas.

A revista traz artigos e sugestões de livros sobre uma face do ministério – o pastoreio, o cuidado, o caminhar junto. Não devemos ignorar que atrás de um instrumento, de uma estante com partitura, há um ser humano com dores, angústias e dúvidas. O ministro precisa se preparar lendo, pesquisando e sendo cuidado também.

Na Bíblia, temos textos sobre o cuidado “uns aos outros”:

*“A palavra de Cristo habite ricamente em vós, em toda a sabedoria; ensinaí e aconselhai uns aos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais, louvando a Deus com gratidão no coração.”*  
– Colossenses 3.16

*“Com toda humildade e mansidão, com paciência, suportando-vos uns aos outros em amor.”*  
– Efésios 4.2

*“O meu mandamento é este: Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei.”* – João 15.12

*“Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu, para glória de Deus.”*  
– Romanos 15.7

*“Mas, quanto ao amor fraternal, não é preciso que eu vos escreva, visto que vós mesmos sois instruídos por Deus a vos amardes uns aos outros.”*  
– 1 Tessalonicenses 4.9

*“Amados, amemos uns aos outros, porque o amor é de Deus, e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus.”*  
– 1 João 4.7

*“Meus irmãos, quanto a mim, estou convencido de que já estais cheios de bondade e plenamente supridos de todo conhecimento, sendo, vós mesmos, capazes de instruir-vos uns aos outros.”*  
– Romanos 15.14

Na Conversa afinada (p. 3), a prof<sup>a</sup> Cíntia Ândria escreve sobre o ministro de música e a relação com o cuidado e, por meio de perguntas, nos ajuda na reflexão de um assunto tão pertinente. “Quando nos propomos a mentorear ou aconselhar, precisamos em algum momento da nossa existência, ter sido “cuidados-curados” e, inevitavelmente, ter sido segurados ou sustentados. Pense em quais momentos da sua vida você foi cuidado. Quem cuidou? Como você foi cuidado? Se você tivesse de cuidar hoje, você cuidaria da mesma forma que você foi cuidado ou mesmo segurado ou sustentado? O que você aprendeu com os seus cuidadores?”

A prof<sup>a</sup> Lúcia Cerqueira desafia-nos pensando na prática educativa e as relações interativas (p. 7) quando diz: “A prática educativa realizada na igreja tem por finalidade levar cada um de seus participantes a conhecer a Palavra de Deus a fim de que, fortalecidos, possam testemunhar do que Deus tem feito em suas vidas. E para que possamos nos parecer cada dia mais com o Senhor Jesus, a Bíblia, o nosso manual, vem nos mostrar como devemos ser e nos portar em nosso viver”.

Para reafirmar a importância de um ministro atento às necessidades do seu ministério, a ordem de culto (p. 32), com o tema medo ou insegurança, diz: Não tenha medo, pois Deus pode encher sua vida de alegria, pode ajudar você em suas dificuldades, pode dar sustento e provisão para sua vida e quer dar salvação e liberdade para todos.

Que o Senhor nos ajude para que mais vocacionados entendam que a música é um meio e não um fim em si mesma e que as pessoas são mais importantes que a música que venham produzir.

## Louvor

ISSN 1984-8676

Literatura Batista  
Ano 44 • Vol. 2 • Nº 167

LOUVOR é uma revista destinada aos ministros e diretores de música, estudantes de Música Sacra, professores, regentes, pianistas, organistas, coristas, instrumentistas em geral, pastores, comissão de música, grupos musicais e todos aqueles interessados no programa de música e adoração da igreja local. Inclui matérias de técnica musical, reportagens, artigos inspirativos e partituras sacras. Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não expressam necessariamente a opinião da Redação

Copyright © Convicção Editora  
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação de fonte

Publicado com autorização  
por Convicção Editora  
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

ENDEREÇOS  
Caixa Postal, 13333 – CEP 20270-972  
Rio de Janeiro, RJ  
Telegráfico – BATISTAS

EDITOR  
Sócrates Oliveira de Souza

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Solange Cardoso de Abreu d'Almeida  
(RP/16897)

REDAÇÃO  
Westh Ney Rodrigues Luz

DESIGN  
Marcelo Leiroz Pinto (malepi)

PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO  
Convicção Editora  
Tel. (21) 2157-5567  
Rua José Hígino, 416  
Prédio 16 – Sala 2 – 1º andar  
Tijuca – Rio de Janeiro, RJ  
CEP 20510-412  
convicca@convicaoeditora.com.br

# Ministro de música, um conselheiro



CÍNTIA ÂNDRIA

## O MINISTRO DE MÚSICA E A RELAÇÃO COM O CUIDADO

As palavras têm raízes etimológicas, sendo assim trazem em seu interior uma singularidade, uma identidade, uma história; e é isso que acontece com a palavra cuidado. Gosto particularmente de um autor chamado Donald Woods Winnicott<sup>1</sup>.

Dentro da sua história de vida, o que a palavra cuidado significa para você?

O autor afirma que em inglês a etimologia das palavras *care* (cuidado) e *cure* (cura) têm o mesmo significado, que é cuidado e, historicamente, esse significado prevaleceu até o ano de 1700.

Segundo ele, a palavra “cura assinala um denominador comum entre a prática médica e a religiosa” (WINNICOTT, 1999, p. 105). Nesse sentido, cuidado e cura se equivalem no seu significado; tanto na prática médica, como na prática religiosa, trazem no seu bojo as possibilidades de cuidado e de cura. Após 1700, a palavra cura vai perdendo essa identidade de ao mesmo tempo pertencer ao âmbito da prática médica e da religiosa para, paulatinamente, significar restritamente a cura pela prática médica the remedy (o remédio). A cura a partir de então se dava por um organismo ou um elemento e era denominada por

cura pela água<sup>2</sup>. “A saúde se restaura no paciente, a doença é destruída, exorciza-se o espírito mau” (WINNICOTT, 1999, p. 125). A palavra cura perde o seu valor intrínseco, que é a cura como sinônimo de ser cuidado. Forma-se aqui uma bifurcação, uma dissociação: o cuidado se dá num caminho diferente da cura. E o que proponho neste texto é pensarmos conforme Winnicott propõe, ou seja, as palavras cura e cuidado partem da mesma raiz etimológica. Usaremos a expressão de Winnicott: “cuidar-curar”.

Para melhor apresentar estes conceitos na possibilidade da prática do aconselhamento ou da mentoria aos ministros de música ou aos seus liderados, apresentarei uma família, bem conhecida, muitos a conhecem desde pequenos, para instrumentalizar os termos: “cuidar-curar” – care e cure e, posteriormente, apresentarei o termo “segurar” e “sustentar” – holding.

Moisés nasce num tempo muito difícil, numa terra onde a sua família é e não é estrangeira ao mesmo tempo. Moram no Egito, mas são hebreus. Nesse momento da história, a ordem é que os meninos hebreus devem ser mortos, assim que nascerem, pelas parteiras egípcias, porém, Moisés ao nascer é preservado com vida por sua mãe durante três meses. Não podendo mais esconder o menino, construiu uma arca de juncos e impermeabilizou com piche natural e betume. O termo segurança (holding) em Winnicott tem esse sentido que Joquebede põe em prática com seu filho: primeiro o sustentar esse bebê por nove meses de gravidez (as mulheres grávidas sabem o incômodo que é sustentar a barriga no último mês, sem posição para dormir, sentar). Num segundo

<sup>1</sup> Médico pediatra, psiquiatra e psicanalista. Nascido em 7 de abril de 1896, morreu em 25 de janeiro de 1971.

<sup>2</sup> Essa perspectiva histórica Winnicott apresenta em uma palestra realizada em outubro de 1970, na Igreja de São Lucas.



momento “segura” ou “sustenta” esse menino durante três meses escondido em casa – todos sabem que um bebê recém-nascido ao sentir fome, cólica chora, faz barulho – mas ela o sustenta, o mantém em segurança. Num terceiro momento sua mãe Joquebede providencia um cesto à prova d’água e coloca seu filho na beira do rio. Novamente, ela está providenciando um ambiente que é capaz de sustentar esse filho em segurança. Em três meses de vida essa mãe propõe três ambientes diferentes de segurança para esse bebê, holding. Apesar das adversidades do ambiente: perseguição do rei do Egito, a possibilidade das parteiras matarem o bebê, o fato de ter lançado o bebê no rio, Joquebede, segundo a teoria de Winnicott, curou essa criança, cuidou dela e proporcionou um ambiente físico e emocional de sustentação para ele. Os ambientes físicos e emocionais foram: o útero (intrauterino), a casa (a terra firme) e o cesto (se sentir em segurança ao ser lançado dentro do cesto ao rio).

Vamos tirar algumas lições para você, ministro de música, que se propõe mentorear ou aconselhar. Quando nos propomos mentorear ou aconselhar, precisamos, em algum momento da nossa existência, ter sido “cuidados-curados” e, inevitavelmente, ter sido segurados ou sustentados. Pense em quais momentos da sua vida você foi cuidado. Quem cuidou? Como você foi cuidado? Se você tivesse de cuidar hoje, você cuidaria da mesma forma que você foi cuidado ou mesmo segurado ou sustentado? O que você aprendeu com os seus cuidadores? Antes de continuarmos faça uma lista numerada de tudo que você considera positivo do que você aprendeu com essa pessoa responsável por “cuidar-curar” você; faça uma segunda lista numerada de tudo que você aprendeu nesse processo que lhe deixou marcas dolorosas. Das

duas listas realizadas o que elas ajudam e atrapalham no seu ministério como cuidador-curador hoje? Reflita e escolha que tipo de cuidador-curador você quer ser dentro de todos os modelos que você teve, e em todos os ambientes facilitadores que você viveu ou não. Não poupe as memórias dos seus avós, pais, professores, pastores e líderes<sup>3</sup>. Moisés só foi o homem que foi porque a sua mãe, no meio da adversidade, promoveu três ambientes completamente antagônicos para que ele se desenvolvesse. Liste quais foram os seus “três” ambientes para transformar você em ministro de música que é hoje com a atenção voltada para a mentoria e o aconselhamento.

A minha sugestão é que antes de continuar a leitura deste texto você reflita e agradeça. Agradeça a Deus, porque assim como Moisés você também sobreviveu aos ambientes antagônicos da vida. Moisés foi acolhido primeiramente pelas parteiras que “temeram a Deus e não fizeram como o rei do Egito lhes havia ordenado, mas deixaram os meninos com vida”<sup>4</sup> – aqui reside a possibilidade de fazer diferente do que aprendeu, assim como as parteiras fizeram diferente do que o rei do Egito ordenou. Moisés também foi acolhido pela mãe e pela princesa egípcia, e você? Só cuida quem foi cuidado, só cura quem foi curado, só segura quem foi segurado.

Seguindo o curso da história, a princesa egípcia encontra Moisés no cesto e, logo em seguida, se apresenta Miriã, irmã de Moisés, braço direito da sua mãe, para oferecer ajuda à princesa com aquele bebê hebreu. A princesa aceita a ajuda, e Moisés retorna à sua mãe. No dia a dia do seu mi-

nistério, você tem aceitado ajuda? Joquebede aceitou ajuda da sua filha, assim como a princesa egípcia aceitou ajuda de Joquebede. Mas, Miriã ofereceu ajuda.

Quando Moisés cresce um pouco, é levado à casa de faraó. Como deve ter sido difícil para aquela criança ter saído da cultura hebraica (música, comida, culto, família, Deus) para ser adotado pela filha de faraó. Quando trabalho com mentoria ou aconselhamento gosto de desenhar por meio do genograma a família com três a quatro gerações.

Gostaria de propor que você seja essa “criança”: imagino você sendo consagrado ao ministério em uma igreja que não é a sua igreja de origem, aquela onde residem as suas memórias afetivas, em que você conheceu a soberania de Deus, correu no pátio, cresceu, se desenvolveu, igreja (ambiente físico e psicológico de segurança e sustentação) que investiu em você para você ser o músico que é – aquela que lhe deu a segurança (holding). E quando você está apto, assim como Moisés, você é “adotado” por outra igreja. Quando Moisés cresce ele passa a ser adotado<sup>5</sup> pela família de faraó, isto é, cuidado por essa outra família – só que tudo é diferente, eles são egípcios e não hebreus, falam outra língua, até a concepção de Deus é diferente. Imagino o choque que foi para a criança Moisés. Só que a transição de adaptação para esse ambiente não será do dia para noite, exigirá de Moisés, assim como de você, tempo. O que eu gostaria de propor a você é que se dê o tempo para conhecer essa nova família, essa nova igreja, esse novo estado, essa nova língua. Se você é do Sudeste e foi para a região Nordeste ou mesmo para o Sul, se dê esse tempo de adaptação. Muitas vezes no processo de mentoria e

<sup>3</sup> Existe a possibilidade de eles terem cuidado-curado você da forma que eles foram cuidados-curados, muitas vezes não foi por mal, mas pela única possibilidade de que dispunham.

<sup>4</sup> “As parteiras, porém, temeram a Deus e não fizeram como o rei do Egito lhes havia ordenado, mas deixaram os meninos com vida” – Êxodo 1.17.

<sup>5</sup> “Quando o menino já era grande, ela o levou à filha do faraó, que o adotou e lhe deu o nome de Moisés, dizendo: Porque o tirei das águas” – Êxodo 2.10.



aconselhamento não prestamos atenção que o tempo é um fator preponderante. Assim como você pode se permitir esse tempo de adaptação, tente imaginar os seus liderados. Eles também precisam desse tempo de adaptação para compreender qual é o propósito do seu ministério ali, que língua é essa que você fala. E mesmo assim há a possibilidade da mesma forma como foi com Moisés quando já era grande: “Quem te constituiu líder e juiz sobre nós? Queres matar-me, como mataste o egípcio?”<sup>6</sup>. Corremos o risco, mesmo tendo passado da fase da infância no ministério, sendo já adultos, de sermos julgados como sendo maior ou juiz. E agora, o que fazer? Moisés escolheu fugir, e nós?

de resolver problemas. Quais as estratégias do time dos que resolvem os problemas? Quais as estratégias do time dos que não resolvem os problemas, dos que fogem? Após fazer a divisão dos times, perceba em que time você está. O que deve chamar mais a sua atenção, como líder, é como você resolve os problemas. A sua maneira aprendida de resolver problemas pode influenciar o seu ministério, e se for uma forma que vem comprometendo o seu ministério, peça ajuda ao seu pastor, a mais um amigo ministro de música que lida de uma forma que você entende ser a melhor para gerenciar conflitos, ou mesmo ajuda profissional. Moisés não pediu ajuda, ele fugiu, diferente da atitude da mãe, da irmã e da mãe adotiva; sendo assim, Moisés faz parte do grupo dos que fogem de resolver problemas. Ao fugir,



Propo-  
nho a você,  
que faça  
uma lista  
com todos  
os mem-  
bros da  
sua famí-  
lia, tanto  
materna  
como  
paterna.  
Não deixe  
de incluir  
seus avós,  
pais, tios  
e irmãos.  
Depois da  
lista pronta,  
divida a  
sua família  
em dois  
grupos ou  
em dois  
times: no  
grupo da-  
queles que  
resolvem  
problemas  
e no grupo  
daqueles  
que fogem

depara com Zípora, uma das sete filhas de Jetro<sup>7</sup>, sacerdote em Midiã, com quem se casa.

Deus ouve o lamento do povo hebreu e escolhe Moisés para essa tarefa de libertar o povo. Aquele que foi cuidado-curado, seguro e sustentado é convocado a cuidar-curar e segurar e sustentar. Moisés tinha as ferramentas necessárias para conduzir o povo de Deus. Deus livra o povo hebreu de faraó; Jetro, sogro de Moisés, traz com ele a esposa de Moisés assim como os seus filhos. Observa Moisés a julgar o povo, em pé, diante de Moisés o dia inteiro.<sup>8</sup>

Moisés, ao se predispor a ficar o dia inteiro ouvindo o povo, acreditava em seu íntimo estar cuidando do povo de Deus, que isso era sinônimo de cuidar. “Dependência e confiabilidade são palavras que pertencem ao campo semântico do cuidado”.<sup>9</sup> É nesse momento que Jetro intervém e Moisés escuta e atende o conselho daquele que cuidou dele quando fugiu do Egito, quando salvaguardou a sua esposa e seus filhos quando este foi libertar o povo de Deus e, agora, como ouve o aconselhamento do seu sogro, a lista dos que cuidam-curam e seguram Moisés só aumenta.

“Ouve-me agora, eu te aconselharei, e que Deus esteja contigo: Deves representar o povo diante de Deus, a quem deves levar as causas do povo; ensina-lhes os estatutos e as leis, mostra-lhes o caminho em que devem andar

<sup>7</sup> “Jetro, sogro de Moisés e sacerdote de Midiã, ouviu falar acerca de todas estas coisas maravilhosas que o Senhor tinha feito pelo seu povo e por Moisés, e como os tinha tirado do Egito. Por isso, Jetro tomou Zípora, a mulher de Moisés, que ele tinha enviado para casa, e trouxe-lhe, juntamente com os seus dois filhos. Um dos filhos chamava-se Gérson (estrangeiro ali) porque Moisés disse: “Andei peregrinando por uma terra estrangeira”. O outro chamava-se Eliézer (o meu Deus é ajuda), porque disse: “O Deus dos meus pais foi quem me ajudou e me livrou da espada do Faraó.” Quando eles chegaram estavam Moisés e o povo acampados junto ao monte de Deus.

<sup>8</sup> Novamente percebemos que Moisés não pede ajuda, mas não é reativo à voz do mais velho, do seu sogro: ele ouve, reflete e atende.

<sup>9</sup> DIAS, E. O. O cuidado como cura e como ética. In: Winnicott e a ética do cuidado [recurso eletrônico]. LOPARIC, Z. São Paulo: DWW Editorial, 2013.

<sup>6</sup> Êxodo 2.14





## CONCLUINDO

Pense como está organizado o seu ministério: você é um líder que delega as funções do ministério ou você é um líder que acumula funções no seu ministério? Você se permite aliviar a carga e permite que aqueles que estão junto a você levem essa carga com você? Você é um líder que discipula para formar novos líderes?

Gostaria de mais uma vez perguntar a você, na sua caminhada do ministério ao qual Deus o chamou:

1. Em que momentos da sua vida você tem lembrança de que foi cuidado-curado? Sustentado e segurado? Em que ambientes você se sentiu mais sustentado e segurado?
2. Você aceita ajuda? Você pede ajuda? Você ajuda?
3. Você se permite um tempo de adaptação para as situações novas que a vida apresenta?
4. Como você resolve problemas? Fugindo?
5. Você é capaz de ouvir críticas sem ser reativo?
6. Você é um líder que discipula para formar novos líderes?

Que essa caminhada pela vida de Moisés por meio dos capítulos 1 ao capítulo 18 de Êxodo possa nos auxiliar, bem como os nossos liderados, nos futuros aconselhamentos e mentorias que continuaremos fazendo em nosso ministério, e que Deus nos abençoe no ministério de “cuidar-curar” – care e cure – e “sustentar” e “segurar” – holding – as vidas que o Senhor nos confia.

e as obras que devem praticar. Além disso, procura dentre todo o povo homens capazes, tementes a Deus, homens confiáveis e que repudiem a desonestidade; e coloca-os como chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez; para que eles julguem o povo todo o tempo. Que levem a ti toda causa difícil, mas que eles mesmos julguem toda causa simples. Assim aliviarás o teu fardo, pois te ajudarão a levá-lo.”<sup>10</sup> Ouço alguns líderes que se queixam de um certo ativismo religioso, que se sentem sobrecarregados em sua função, e aqui mais uma vez percebe-se o “o que estás fazendo não é bom. Com certeza, tu e este povo que está contigo desfalecereis.”<sup>11</sup> Como você reage quando o mais velho, o da geração anterior diz a você: “o que você está fazendo não é bom. Você e o seu povo ficarão esgotados, pois essa tarefa é pesada demais”.<sup>12</sup> Você é capaz de ouvir críticas sem ser reativo?

<sup>10</sup> Êxodo 18.19-22.

<sup>11</sup> Êxodo 18.17,18.

<sup>12</sup> Bíblia de Estudos Arqueologia NVI. São Paulo: Editora Vida, 2013.

**CÍNTIA ÂNDRIA DE SOUSA GRANATO** – Psicóloga clínica e professora do Seminário do Sul nas áreas de Psicologia e Filosofia. Mestre em Filosofia, membro da Primeira Igreja Batista do Recreio, Rio, RJ.

### REFERÊNCIAS

- A Bíblia Sagrada.** Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica, 1995.
- Bíblia de Estudos Arqueologia NVI.** São Paulo: Editora Vida, 2013.
- DIAS, E. O. **O cuidado como cura e como ética** In Winnicott e a ética do cuidado [recurso eletrônico]. LOPARIC, Z. São Paulo: DWW Editorial, 2013.
- WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

## MINISTROS MENTOREANDO

*Depoimentos de ministros de música de igrejas batistas brasileiras sobre suas experiências e inquietações ao mentorear ou discipular seus músicos. Responderam com base na seguinte pergunta: **Quais as maiores dificuldades que encontram para caminhar dessa forma, que ferramentas usar?***



**FELIPE ALVES DAVI** – Igreja Batista Central em Resende, RJ  
Decidi mentorear dois instrumentistas

da equipe de louvor: o baterista e o baixista. Em um, vejo uma forte liderança, usada de maneira equivocada. Em outro, a vontade de aprender mais. Todas as quartas, antes do culto de oração, temos um encontro. Nessa conversa, tenho a oportunidade de buscarmos respostas na Bíblia, relevantes para o que eles estão vivendo.

Temos crescido e fico pensando como posso expandir esse mentoreamento para todo ministério.

Também aproveito as aulas de música para aconselhar alunos, mesmo que não sejam participantes do ministério, ainda.



**RENATA ALMEIDA** – Igreja Batista em Monte Cristo, Barra Mansa, RJ  
Penso que meu ministério, acima de

tudo, é de discipulado. Faço isso por meio da música também. Procuo caminhar com meus liderados, uns de uma forma específica, e outros de maneira geral. Aos que têm um

chamado para servir por meio de uma liderança musical, oriento dentro do foco. Estes aconselho e procuro andar junto para me ajudarem com outros grupos.

Crentes adoradores, percebem que a música deles é algo mais do que uma música sendo tocada num culto. A música na igreja resgata, quebranta, instrui, “salva pessoas”, oportunizando para que sirvam a Deus por meio de seu talento. A música não é meu ministério, apenas dela me utilizo para levar pessoas a uma vida viva e sincera com Cristo.



**LIVIA QUINTANILHA** – PIB em São Vicente de Paulo, Araruama, RJ

O ministro de música precisa estar além de um músico. Tenho refletido ultimamente. Mais que uma banda linda e um coro superafinado, preciso de pessoas saudáveis, pessoas que estejam bem com Deus e consigo mesmas. Neste último mês, passei por um momento em que um dos meus liderados veio pedir ajuda, pois não estava mais conseguindo ter seus momentos com Deus e isso o incomodava. Não tive isso do meu líder de música e tenho baseado meu ministério assim. Como líder, também é meu trabalho caminhar junto com meu liderado, discipular, viver vida com vida.



# A PRÁTICA EDUCATIVA E AS RELAÇÕES INTERATIVAS



LÚCIA CERQUEIRA

**D**o processo educativo ninguém escapa. Pode até achar que sim, mas não consegue, pois tudo o que fazemos ou somos levados a fazer, passa por esse processo. Igreja corpo de Cristo, é feita de gente. Gente querendo aprender a ser o melhor que puder como pessoa. Fomos chamados a fim de que em nós o processo educacional se efetive e sejamos canal das bênçãos do nosso Deus a todo aquele que, entendendo a mensagem do evangelho, aceite a proposta de vida oferecida por Jesus e com ele comece a caminhar. Aí é que entra nossa atuação, nosso fazer, nossa prática educativa como ministros que somos.

Tudo o que acontece na igreja tem um objetivo. Todas as atividades, reuniões, ensaios, celebrações etc., todas têm objetivos a serem alcançados. E como nos alegra ver que nosso planejamento deu certo e perceber o crescimento e desenvolvimento daqueles que passaram pelo processo reflexivo da renovação

de mente e coração por meio das estratégias por nós colocadas em prática.

Mas pode acontecer de nossas relações dentro da igreja não serem as melhores. Por que será que acontece assim, com o povo separado por Deus para realizar o ministério do ensino de uma forma especial, com dicas dadas pelo próprio Deus e pelo Senhor Jesus?

*“A queda não destruiu a essência humana da humanidade, porém, introduziu inimizade e conflitos. Impôs egoísmo e medo”.  
(RICHARDS, 1983)<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> RICHARDS, Lawrence O. **Teologia da educação cristã**. 2 ed. Vida Nova, São Paulo, 1983.



Este é o xis do problema. Mas, Deus, em sua sabedoria, também já nos apresentou caminhos que, se por eles seguirmos, certamente, nos daremos bem e nossas relações interpessoais serão melhores.

O projeto original da igreja, formada por pessoas comuns, sofredoras ou não, pobres ou não, escravos ou livres, pessoas de todos os ramos e castas da sociedade a qual estava inserida chegou – graças a Deus – até nós com o desejo sincero de muitos de seus membros a que permaneça separada das coisas mundanas, santificada, sem mácula, onde todos os seus membros procuram ajudar-se mutuamente suprimindo suas necessidades materiais, emocionais e espirituais. Sim, esse era o ideal originário e é nossa meta também porque, afinal de contas, como servos do Deus Altíssimo, assim desejamos.

Pois bem, a igreja, esse grupo de irmãos conversos a Cristo, batizados e desejosos de ser cada dia melhor, enfrenta também problemas e um deles é a falta de uma boa comunicação entre seus membros e isso gera uma falta de boas relações.

## NOSSA PRÁTICA EDUCATIVA

Temos conosco a ideia dada por Deus de ensino. Somos comissionados a fazer discípulos, e o fazer discípulo é muito mais do que apenas treinar pessoas. Provérbios 22.6 diz: “Ensina a criança no caminho que deve andar”. É necessário ensino, correção orientação para o viver. Em Deuteronômio 4.1,6; 4.9; 14.39,40; 6.1,2; 11.18-20, Deus também nos fala de um processo de ensino, que não deve apenas ser ministrado na igreja, mas deve perpassar por todo o viver daquele que o segue. Instrução e reação cons-

tantemente interagindo na vida daqueles que são de Cristo.

Como tem sido realizada essa prática em nossas igrejas?

A radiografia delas nos mostra que existem pontos e focos de problemas, de “infecções” que estão atrapalhando, estão minando nossa boa convivência entre irmãos e assim o processo de ensino ministrado tem sido sofrível.

Assim, também, é a igreja que tem entre seus membros uma relação de má qualidade, uma prática educativa capenga, onde as pessoas estão desmotivadas, demonstrando “tédio por todos os poros”.

Gosto de olhar na perspectiva do lado bom de uma situação. Mesmo desfavorável, pois se está incomodando é, justamente, aí que deveremos intervir. Como líderes, precisamos nos preocupar com as relações que se passam dentro de nossa congregação, de nossa comunidade.

Como irmãos, precisamos desejar que nossas relações sejam interativas e produzam frutos dignos do Senhor. Como poderemos conseguir que nossa prática educativa seja melhorada e produza frutos desejáveis? A experiência mostra que não é tão complicado quanto parece alcançar esse objetivo. Vamos pensar em tipos de líderes que encontramos em nossas igrejas, veja com qual deles você se identifica.

■ **MUITO SIMPÁTICO** – Aquele que vive sorrindo, levantando o ânimos de todos, se algo acontece ele está sempre ali para dar uma força, porém, não pergunte muito sobre o andamento do seu trabalho porque aí ele dá um jeitinho de mudar de assunto e escapar da conversa, e outras coisas mais. Porém, ele é uma simpatia.

TER PRAZER NA LEI DO SENHOR

Salmo 112.1

SER FIRME, CONFIANTE

Salmo 112.7,8

COOPERADOR

1Coríntios 3.9

FIEL

Neemias 7.2

PREPARADO, HABILITADO

2Timóteo 3.17

INTEGRO, SINCERO

Salmo 25.21

BUSCA COMPREENSÃO,  
ENTENDIMENTO DO SENHOR

2Timóteo 2.7

SERVO

Salmo 119.125

■ **ZANGADO, BRAVO** – Aquele que é fechado a tudo. Por que será? Talvez, seja mesmo uma pessoa mal humorada, tem até capacidade intelectual, mas está lhe faltando um pouquinho do amor de Cristo em seu viver, talvez, o domínio do Espírito Santo, para que as coisas fluam mais no amor e não somente por obrigação, será que ele consegue realizar alguma coisa que transmita o verdadeiro espírito, com este temperamento?

■ **TECNICISTA, ESCRAVO DAS TÉCNICAS, DOS HORÁRIOS E DAS PROGRAMAÇÕES** – Este de início impressiona muito, por sua responsabilidade, por querer realmente fazer tudo corretissimamente bem, porém, com o passar do tempo, começa a cansar a todos por sua inflexibilidade, intransigência.



■ **DIVERTIDO, “COMPRA-DOR” DE IDEIAS** – Também existe esse tipo de líder.

Aparece um membro da igreja com uma ideia nova, ele acha ótimo e nem avalia e logo dá andamento para sua execução. Surge a oportunidade de uma programação, lá está ele dando a maior força. Aparece um intercâmbio para realizar, ele é só animação. Infelizmente, toda essa atividade e “animação”, apenas são para esconder sua incapacidade. Ele se esconde atrás delas e se dá bem até o dia em que a igreja começar a querer mais do que viver de eventos.

■ **COMPRENSIVO, RESPEITADOR, COMPETENTE, SABEDOR DE SEUS DIREITOS E DOS OUTROS TAMBÉM** – Este,

sim, apresenta um perfil mais aproximado de um bom líder. Este une em si as qualidades que devem ser inerentes à sua posição. A simpatia na medida certa, a segurança e a competência sem se deixar dominar pela sinuez excessiva, responsável com os horários e nas programações, porém, não sendo escravo dos mesmos.

**A** prática educativa realizada na igreja tem por finalidade levar cada um de seus participantes a conhecer a Palavra de Deus a fim de que, fortalecidos, possam testemunhar do que Deus tem feito em sua vida. Para que possamos nos parecer cada dia mais com o Senhor Jesus, a Bíblia, o nosso manual, vem nos mostrar como devemos ser e nos portar em nosso viver:

■ **TER PRAZER NA LEI DO SENHOR** – **Salmo 112.1**

Podemos conceber a ideia de alguém que trabalha como ensinador da Palavra, mas não

tenha prazer em vivê-la? Em passar alguns momentos de reflexão em seus ensinamentos? Jamais. O verdadeiro servo, aquele que deseja ser bem-sucedido no que faz, tem que buscar a cada dia o prazer de viver a Lei do Senhor.

■ **SER FIRME, CONFIANTE** – **Salmo 112.7,8**

Sim, o líder tem que ser firme e confiante, pois o trabalho que realiza é por demais desafiador e, às vezes, árduo. Sua firmeza justifica-se na certeza do cuidado de Deus para com ele e para com seu trabalho, pois tendo prazer em realizar a obra de Deus e de ouvir a sua voz, como consequência, seu trabalho será abençoado.

■ **COOPERADOR** – **1Coríntios 3.9**

É imprescindível que a cooperação esteja presente no dia a dia do líder, pois jamais conseguirá realizar seu trabalho sozinho. Se não souber cultivar a cooperação em seu ministério, as coisas não sairão bem.

■ **FIEL** – **Neemias 7.2**

A fidelidade a Deus e aos irmãos com quem trabalha é também fundamental ao caráter de um líder. Seu trabalho não será mera fachada se existir a fidelidade, o compromisso com a obra do Senhor, mas seu compromisso de ser fiel principalmente com o Senhor da obra.

■ **PREPARADO, HABILITADO** – **2Timóteo 3.17**

É de fundamental importância, que o líder esteja preparado e habilitado para o trabalho para o qual foi convocado a realizar. O tempo em que vivemos exige que o líder esteja preparado, tanto espiritual quanto intelectualmente, pois os liderados estão cada vez mais preparados intelectualmente e necessitam ser orientados por alguém que

passe segurança e credibilidade naquilo que faz. E deve fazê-lo da melhor forma possível.

■ **INTEGRO, SINCERO** – **Salmo 25.21**

Num mundo cheio de falsidade e de pessoas que “passam a perna” umas nas outras, o líder deve fazer diferença também. Seu comportamento deve ser digno de confiança, seu falar deve ser verdadeiro. Seu desejo para com os liderados deve ser de sincero amor e respeito, desejando que todos, indiscriminadamente, cheguem ao conhecimento da graça de Deus e a maturidade cristã.

■ **BUSCA COMPREENSÃO, ENTENDIMENTO DO SENHOR** – **2Timóteo 2.7**

Quanto mal entendidos poderiam ser evitados se o líder parasse e pensasse antes de agir, não é? O líder controlado pelo Espírito de Deus deve sempre procurar a compreensão das coisas, entendimento dos fatos, das atitudes tomadas por algumas pessoas que tanto magoam. Sim, de tudo que se deseja fazer e realizar, deve-se buscar a todo o momento a compreensão e o entendimento vindos do Senhor.

■ **SERVO** – **Salmo 119.125**

Acima de tudo o que foi comentado até aqui, todas as coisas sairão bem, somente se a pessoa que assumir o cargo de líder numa igreja tiver a consciência de servo. Sim, de um autêntico servo do Deus Altíssimo. De tudo dele dependendo, em todas as dimensões de seu viver.

Vimos um pouco sobre a prática educativa e o tipo de líder que encontramos em nossas igrejas. Preocupamos com essa questão pois estamos todos interessados e investindo forças e energias para que nossas



relações como corpo de Cristo sejam geradoras de vida.

O pr. Mauro Israel Moreira, em seu livro "Chega junto" (1997), trata dessa questão das relações interativas na igreja e em determinado parágrafo assim se expressa:

*"Quando eu abraçar alguém, quero abraçar de verdade. Quando conversar com as pessoas, quero olhar bem dentro dos seus olhos e amá-las. Quando eu abrir a minha boca, quero pronunciar com absoluta clareza cada sílaba, de modo que a mensagem alcance verdadeiramente as pessoas, ou então me calarei totalmente. Desejo amar com amor equilibrado, que concilie a doçura e a firmeza, o falar e o ouvir, o perdoar e o aceitar perdão.*

*Quando falamos em chegar junto, estamos nos referindo a uma ministração de quali-*

*dade, intensa e significativa. Não mera formalidade ou profissionalismo. Não apenas o cumprimento de uma obrigação, mas o jorrar de toda a nossa generosidade em favor daqueles que o Senhor coloca ao nosso redor."*<sup>2</sup>

Deus criou a sua igreja com o desejo primordial de que ela fosse um local de relações interativas, onde seus membros encontrassem e dispensassem uns aos outros apoios, conforto, força, alegria, descanso do tumulto do mundo, um local de comunhão verdadeira. Em 2Crônicas 15.7 encontramos esse reforço: "Vós, porém, esforçai-vos, e não desfaleçam as vossas mãos; porque a vossa obra tem uma recompensa."

<sup>2</sup> MOREIRA, Mauro Israel. *Chega junto*; a assistência pessoal na dinâmica de vida da igreja. Rio de Janeiro, Horizontal, 1997.

Fomos chamados ao apoio mútuo. O sentimento de comunhão traz a ideia de caminhar juntos. Cada um de nós é chamado a ministrar uns aos outros, mas não ao ministério pastoral, mas ao pastoreio. Ao cuidado, ao fortalecimento, dedicação de tempo em ouvir o que o outro necessita dizer, enfim, o caminhar junto. O Espírito Santo escolhe e distribui dons e talentos a cada um dos seus, para que no exercício do pastoreio mútuo Deus seja honrado e glorificado e sejamos fortalecidos e alegres.

**LUCIA CERQUEIRA COELHO DE SOUZA** – Psicóloga clínica, educadora cristã, escritora de artigos e periódicos em revistas denominacionais, palestrante em eventos e congressos denominacionais. Membro da Igreja Batista Itacuruçá, Tijuca, Rio.

#### Dinâmica para trabalhar responsabilidade pessoal no desenvolvimento da liderança

Leia o texto abaixo:

- Consegue lembrar alguma situação em que isso tenha acontecido?
- Cite pelo menos duas atitudes que o líder pode tomar para que isso não ocorra.

### TODO MUNDO, ALGUÉM, QUALQUER UM E NINGUÉM

Esta é uma história de quatro pessoas:  
TODO MUNDO, ALGUÉM, QUALQUER UM e NINGUÉM.

Havia um trabalho importante a ser feito e TODO MUNDO tinha certeza de que ALGUÉM o faria.

QUALQUER UM poderia tê-lo feito, mas NINGUÉM o fez.

ALGUÉM zangou-se porque era um trabalho de TODO MUNDO.

TODO MUNDO pensou que QUALQUER UM poderia fazê-lo, mas NINGUÉM imaginou que TODO MUNDO deixasse de fazê-lo.

Ao final, TODO MUNDO culpou ALGUÉM quando NINGUÉM fez o que QUALQUER UM poderia ter feito.

– Autor anônimo

